

LIÇÃO 27 — DEUS SATISFAZENDO A SI MESMO

1) INTRODUÇÃO

- a) Teorias ref. morte de Cristo: (i) satisfação ao diabo, (ii) da lei, (iii) da honra ou da justiça, e (iv) da ordem moral do mundo (ver anexo).
- b) Limitação comum: representam Deus como subordinado a algo fora e acima de si mesmo, algo que controla as ações divinas, ao qual ele está sujeito e do qual não se pode livrar (Stott).
- c) "Satisfação": o próprio Deus, em seu ser interior, necessita ser satisfeito, e não algo externo a si mesmo; lei, honra, justiça e ordem moral (teorias) só fazem sentido como expressão do caráter de Deus.
- d) Ressalvas da teoria: não entender a autossatisfação de Deus como a dos seres humanos, motivada por egoísmo; quando alguém diz 'satisfazer a mim mesmo' soa como falta de domínio próprio ou falta de humildade; mas quando aplicado a Deus, significa que está de acordo com a absoluta perfeição de Deus.
- e) Acertos da teoria: vai além e acentua a satisfação do próprio Deus em todos os aspectos do seu ser, incluindo-se sua justiça e seu amor.

2) AUTOSSATISFAÇÃO DE DEUS

- a) Autossatisfação: Deus é perfeito em todos os seus pensamentos e desejos. Portanto quando ele "satisfaz a si mesmo" significa que ele deve agir segundo a perfeição de sua natureza ou de seu "nome".
- b) Necessidade de "satisfação" em Deus: não se encontra em nada fora de si, mas dentro de si mesmo, em seu próprio caráter imutável; necessidade inerente ou intrínseca.
- c) Sentido negativo: "Deus não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13); "não pode mentir" (Tt 1.2), pois "é impossível que Deus minta" (Hb 6.18); ele jamais é arbitrário, imprevisível ou caprichoso; "jamais... desmentirei a minha fidelidade" (Sl 89.33).
- d) Sentido positivo: "Deus é fidelidade, e não há nele injustiça: é justo e reto" (Dt 32.4); Deus é verdadeiro a si mesmo.

3) AUTOCOERÊNCIA DE DEUS

- a) Linguagem da provocação: "provocado" à ira ou ao ciúme por causa da idolatria; exprime a reação inevitável da natureza perfeita de Deus ao mal; indica que Deus não tolera a idolatria, a imoralidade e a injustiça.
- b) Linguagem do ardor: a ira de Deus como fogo; "fogo do meu zelo" (); no calor seco de um verão na Palestina o fogo se acende facilmente; assim também a ira de Deus é sempre resposta ao mal; a ira de Deus é controlada ("muitas vezes desvia a sua ira, e não da largas a toda a sua indignação"). "Não tornarei atrás, não pouparei nem me arrependerei; segundo os teus caminhos e segundo os teus feitos serás julgada, diz o Senhor Deus" (). Pois Yave é um fogo consumidor ().
- c) Linguagem da própria satisfação: *kalá* (heb.) "ser completo, terminado, realizado, gasto"; indica "fim" de alguma coisa, por destruição ou conclusão.

Deus adverte que está para "realizar", "satisfazer" ou "gastar" sua ira "sobre" ou "contra" (Ez 7.7-8). "Deu o Senhor cumprimento a sua indignação, derramou o ardor da sua ira" (Lm 4.11).

- d) Linguagem do Nome: Deus sempre age "segundo o seu nome"; ele "não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades" (Sl 103); ele é "compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade" (Ex 34.6). "Sabereis que eu sou o Senhor, quando eu proceder para convosco por amor do meu nome, não segundo os vossos maus caminhos, nem segundo os vossos feitos corruptos, o casa de Israel, diz o Senhor Deus" (Ez 20.44; 36; Jr 14.1ss).

4) O SANTO AMOR DE DEUS

- a) Perdão divino: o modo pelo qual Deus escolhe perdoar os pecadores deve ser totalmente coerente com seu próprio caráter.
- b) 'Dialética' da teologia cristã: a cruz de Cristo "é o evento no qual Deus simultaneamente torna conhecida sua santidade e seu amor, em um único evento, de um modo absoluto". "A cruz e o único lugar em que o Deus amoroso, perdoador e misericordioso é revelado de tal modo que percebemos que a sua santidade e o seu amor são igualmente infinitos". De fato, "o aspecto objetivo da expiação... pode ser resumido como segue: consiste na combinação da justiça inflexível, juntamente com as suas penalidades, e o amor transcendente" (Bruner).
- c) O Ser de Deus: íntegro e simples e não dividido em partes conflitantes.
- i) Berkouwer: "na cruz de Cristo a justiça e o amor de Deus são revelados simultaneamente".
- ii) Calvino: Deus "de um modo divino e maravilhoso nos amou mesmo quando nos odiava".
- iii) Bruner: "a ira de Deus é o amor de Deus na forma pela qual o homem que se desviou de Deus e se tornou contra ele a experimenta".
- iv) Forsyth: "O cristianismo se interessa pela santidade de Deus antes de tudo, a qual emerge para o homem como amor... Este ponto de partida da suprema santidade do amor de Deus, em vez de sua piedade, simpatia ou afeição, e a linha divisória entre o evangelho e... o liberalismo teológico... Meu ponto de partida é que o primeiro cuidado de Cristo e sua revelação não foram simplesmente o amor perdoador de Deus, mas a santidade desse amor."
- v) Forsyth: "Sem um Deus santo a expiação não apresentaria problema algum. É a santidade do amor de Deus que torna necessária a cruz expiadora".

5) PARA REFLETIR:

- a) "Essa visão do santo amor de Deus nos livrará das suas caricaturas. Não devemos retratá-lo nem como um Deus indulgente que compromete sua santidade a fim de nos poupar, nem como um Deus duro e vingativo que suprime o seu amor a fim de nos destruir. Como, pois, pode Deus expressar sua santidade sem nos consumir, e o seu amor sem tolerar os nossos pecados? Como pode Deus satisfazer ao seu santo amor? Como pode ele nos salvar e satisfazer a si mesmo simultaneamente? Respondemos a esta altura que, a fim de satisfazer a si mesmo, ele sacrificou — deveras substituiu a si mesmo por nós" (John Stott).